

Entrada do Ambriz

Ao norte de Angola encontra-se na costa um reconcavo chamado a *bahia do Ambriz*. Um rio que alli vem desaguar no Oceano, tendo o seu nascimento no reino do Congo, deu o nome a uma parte do territorio que banha, á bahia onde se lança e ao presidio que os portuguezes ahi fundaram.

Desde o tempo das nossas gloriosas conquistas na Africa occidental, o dominio do Ambriz pertencia á coroa portugueza. Todavia, esse dominio foi por longa serie de annos puramente nominal. Os nossos monarchas e os seus ministros, occupados quasi exclusivamente, ao principio com as conquistas e commercio da India, e mais tarde com a colonisação e progressivo desenvolvimento do Brasil, descuraram as coisas de Africa. Apreciavam-se a India e o Brasil como inesgotaveis minas de oiro e pedraria, promptas sempre a vasarem as suas riquezas nos cofres de Portugal. Para a Africa apenas se olhava como para uma terra productora de escravos.

Quando o Oriente, por effeito da decadencia do nosso poder, deixou de ser para nós fonte de riquezas e prosperidade; e quando o Brasil nos abandonou, para ser independente e livre, vieram as discordias civis, resultado inevitavel da grande revolução social por que a nação tem passado, obstar por muito tempo a que o governo portuguez dirigisse a sua attenção e solicitude para as nossas possessões de Africa, que, pela sua extensão e pelas producções do solo, se podiam converter para a metropole em uma nova India e em um segundo Brasil.

Por estas razões era governado o Ambriz até ha poucos annos, mau grado do nosso direito, por um régulo indigena.

Porém, logo que no reino serenaram as paixões politicas, e a paz e a ordem se foram estabelecendo, conjuntamente com a liberdade, em bases mais solidas, começaram os nossos homens de estado a lançar vistas civilisadoras para as provincias portuguezas do ultramar. E a imprensa principiou tambem a chamar a attenção dos poderes publicos para essas possessões, por tanto tempo desprezadas e inuteis, e que podem ser, e confiâmos que serão um dia, elementos de prosperidade e poder para a nossa patria.

Assim chegou occasião em que o governo entendeu, fazendo prevalecer o direito da coroa, tornar effectivo o dominio d'esta sobre o Ambriz. Foi preciso valer-se da força; mas, sendo a sorte favoravel ás nossas armas, ficou vencido o régulo que alli governava. Expulso o inimigo do territorio do Ambriz, foi este encorporado definitivamente no governo geral de Angola, e logo se fundou junto do porto uma fortaleza, com algumas casas, que foram o nucleo de uma povoação, ainda hoje apenas nascente.

Apesar da salubridade do seu clima e das vantagens que offerecem ao commercio e á agricultura a sua situação geographica, as condições do solo, e as communicações regulares com os outros portos da Africa occidental portugueza, com as ilhas de Cabo Verde e com Lisboa, por via dos navios movidos a vapor da companhia de navegação de Africa, pouco tem progredido. A agricultura é nulla ou quasi nulla; e o commercio apenas exporta alguns milhares de sacos de ginguba.

A nossa gravura, copiada de um desenho original, representa a entrada do porto.

I. de Vilhena Barbosa.

APONTAMENTOS PARA A VIDA

E TRAGICA MORTE DO INSIGNE POETA BRASILEIRO ANTONIO GONÇALVES DIAS

(Conclusão. Vid. pag. 243)

IV

No estado desanimador em que o temos visto, esforçava-se Gonçalves Dias por voltar á patria, supplicando ao ceo lhe concedesse sequer o tempo necessario para ir morrer entre seus irmãos, e entregar o corpo

á terra onde nascêra. Embarcou-se, pois, no Havre a 14 de setembro de 1864, na barca *Ville de Boulogne*.

Dando o credito, que não podem deixar de merecer, ás revelações feitas pelo sr. dr. Joaquim Manuel Macedo no elogio do finado consocio, que recitou perante o instituto historico do Brasil na sessão solemne anniversaria de 16 de dezembro de 1864, Gonçalves Dias fôra obrigado a fazer viagem n'aquella embarcação de vela, por não ter meios para pagar a sua passagem no paquete francez. Os seus recursos haviam escasseado nos ultimos mezes, pois que o governo imperial lhe dera por finda a commissão litteraria de que estava encarregado, cessando conjuntamente o pagamento da gratificação que por esse titulo percebia. Para não perecer á mingua valeu-lhe n'estas tristes circunstancias o amparo do sr. conselheiro Menezes Drumond, antigo diplomata aposentado e residente em Paris, que, apesar de cego e pobre, o hospedou por algum tempo, repartindo com elle generosamente uma parte de seus escassos haveres. Consta que sua magestade o imperador, chegando-lhe á noticia o lastimoso estado do poeta, dera promptamente ordem para que do bolsinho imperial se lhe fornecessem todos os meios pecuniarios de que carecesse. Diz-se mais, que o novo ministro do imperio tomára a deliberação de mandar-lhe pagar seus vencimentos, reintegrando-o na commissão de que fôra privado; porém o facto é que estes soccorros vieram tarde em demasia para serem de proveito.

O resto da historia de Gonçalves Dias é um mysterio, que foi com o seu corpo sepultado nos abysmos do Oceano. O navio que o transportava naufragou ao cabo de cincoenta dias de viagem, quasi á vista da terra, salvando-se, comtudo, toda a tripulação, e perecendo sómente o desgraçado poeta!

Eis o que a este respeito se lê em uma correspondencia do Maranhão, inserta no *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro de 29 de novembro de 1864:

«Começarei esta missiva por uma noticia tristissima. O dr. Antonio Gonçalves Dias morreu no dia 3 do corrente mez em o naufragio da barca franceza *Ville de Boulogne*, nas immediações do pharol de Itacolomy.

»Vinha o navio com quarenta e tantos a cincoenta dias de viagem do Havre, onde o illustre poeta embarcou, persuadido de que um longo trajecto maritimo lhe havia de fazer bem, e desejava vir ou melhorar, ou morrer e ser enterrado na terra do seu berço. Lá em cima estava previsto o contrario.

»O poeta peiorou consideravelmente na viagem. Contam as pessoas da tripulação da barca, que alguns dias antes do naufragio já o doente não se podia levantar nem tomar alimento. Fumou charutos até quanto pôde; quando nem isso mesmo lhe foi mais possivel fazer, dizem que pedia a alguem que fumasse a seu lado e lhe assoprasse á boca o fumo. Estava sem carnes, sem voz, sem vida.

»O capitão da barca affirma que, quando o navio bateu nos baixos, o dr. Antonio Gonçalves Dias já tinha morrido. Acredita-se, porém, que estando o illustre poeta á morte, a tripulação o abandonou, deixando-o encerrado no camarote, do qual não podia sair por lhe faltarem as precisas forças. Veja que morte afflicta e angustiada estava á espera do desditoso poeta [1]!...

»Achava-se o navio a umas oito legoas do porto da capital.

»Dizem os praticos da barra, e consta que o naufragio parece ter sido intencional, porque no logar em que elle se deu só bate o navio que quer bater. Combina-se isto com a noticia de que o capitão não quiz receber no Havre passageiro algum, admittindo o dr. Gonçalves Dias depois de muitas instancias, e persuadido naturalmente de que o passageiro, gravemente enfermo, não deitaria a viagem.

»Logo que se soube do naufragio, s. ex.ª o sr. presidente da provincia, e o sr. dr. chefe de policia interino, tomaram e expediram todas as providencias, recommendando muito a procura do cadaver, e dos bahus pertencentes á bagagem do illustre poeta. O segundo, de accordo com o primeiro, offereceu um premio á pessoa que encontrasse o corpo. Outro premio, e para o mesmo fim, tambem foi offerecido por varios amigos do dr. Dias, em cujo numero o dr. Antonio Henriques Leal [1].

»O poeta trazia comsigo todos os seus manuscriptos. Além das traducções da *Noiva de Messina*, e da *Beatrice de Cenci*, a *Historia dos jesuitas no Brasil*, trabalhos sobre instrucção publica, poesias, etc.

»Seremos muito felizes se ao menos os manuscriptos forem encontrados... Não temos ainda noticia alguma certa... falla-se no achado de um bahu que já estava aberto [2].

»A morte do desditoso poeta causou aqui geral sentimento. Elle era muito estimado, já pelo seu raro talento, e já por suas excellentes qualidades. Parece que o Oceano estava destinado para ser o receptaculo do seu corpo. Quando pela primeira vez correu a falsa noticia do seu fallecimento, deram-lhe o mar por jazigo; da segunda, quando, infelizmente, sua morte verificou-se, foi o mar o seu tumulo, e uma grande barca o seu esquife.

»Mas d'esta vez ainda o poeta não morreu entre os homens. Ha de elle morrer realmente quando, d'aqui a muitos seculos, não se conservar o menor vestigio da lingua portugueza, ou d'aquellas em que houverem sido traduzidos os seus inimitaveis cantos.

»Este anno a rasoira da morte correu com furia immensa sobre as nossas glorias scientificas e litterarias: uns após outros, foram-se o dr. Gomes de Sousa [3], o dr. Trajano [4], o venerando Odorico Mendes [5], e o desditoso Gonçalves Dias. João Francisco Lisboa precedeu a estes quatro [6].

»Bella e distincta phalange! Não vejo actualmente quaes os que possam substituir os illustres mortos.

»O dr. Antonio Henriques Leal trata de promover uma subscripção para o fim de erigir-se um monumento ao primeiro poeta brasileiro de nossos dias. Elle o merece, e ninguem ha n'este paiz que deixe de applaudir uma tão justa quanto excellente lembrança.»

O projecto do monumento foi bem acceito do publico, e para o realisar havia já em 1866 uma avultada somma proveniente da referida subscripção, cujo producto entrára para o banco da provincia.

Outro monumento, se menos brilhante e pomposo, talvez mais duradoiro e interessante para a humanidade, é a edição completa das obras posthumas de Gonçalves Dias, em sete volumes de 8.º gr., comprehendendo poesias lyricas, originaes e traduzidas, dramas, e memorias historicas e philosophicas, cuja publicação, emprehendida a diligencias do sr. dr. Henriques Leal, se acha proxima a ver a luz, nitidamente impressa, no Maranhão, e é precedida de uma amplis-

1 Segundo outra noticia, publicada no *Jornal do Recife*, logo que o navio bateu, e o capitão o viu perdido, correu este á camara para ir buscar o dr. Dias; porém o mastro grande da embarcação, que o choque derribára, caindo desgraçadamente sobre a camara, esmagára o infeliz poeta dentro do camarote em que jazia deitado!

1 O premio offerecido pelo governo montava a 300$000 réis; e o dos amigos do poeta a 1:030$000 réis.

2 Por informações da marinhagem constou que o poeta embarcára cinco malas, tres grandes e pesadas, que foram para o porão, e duas pequenas, que elle conservava no seu beliche.

3 Joaquim Gomes de Sousa, habil mathematico e illustrado litterato, natural do Maranhão, bem como os que seguem. Falleceu em Londres no 1.º de junho de 1864, contando apenas 35 annos.

4 Trajano Galvão de Carvalho, distincto poeta, fallecido na sua fazenda de Mearim, aos 33 annos, em julho de 1864, de febre typhoide.

5 Manuel Odorico Mendes, o insigne traductor de Virgilio e Homero, morto em Londres de apoplexia a 17 de agosto de 1864.

6 Publicista e historiador estimavel. Finou-se em Lisboa, depois de aturado padecimento chronico, a 27 de abril de 1863.

sima noticia biographica e critica ácerca do illustre finado.

Um irmão d'este, o sr. João Gonçalves Dias, levado de fraternal e patriotico impulso, fez tirar-lhe o retrato a oleo, e, ricamente emmoldurado, o offereceu á camara municipal de Caxias em 20 de outubro de 1866. Parece que tão valioso presente foi por ella recebido, se não com desprezo, ao menos com uma especie de indifferença que é, de certo, indesculpavel! Veja-se o que diz a este respeito o *Jornal do Commercio* do Rio, no *supplemento* ao numero de 31 do mesmo mez e anno.

Pela minha parte diligenciei pagar á memoria do abalisado poeta e dignissimo consocio o tributo que lhe devia, commemorando tão extensamente quanto me foi possivel a sua vida e escriptos no tomo VIII do *Diccionario bibliographico portuguez*, de pag. 157 a 164. Ahi se indicam aos que o desejarem as fontes a que podem soccorrer-se para haver mais amplos esclarecimentos.

Lisboa, 8 de fevereiro de 1868.

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

NOIVA PARA UM REI

CONTO POPULAR

(EXTRAHIDO DAS OBRAS DE TRUEBA)

I

Pois, senhores, era uma rapariga formosa e boa, e chamava-se Rosa. Ainda muito nova, morreu-lhe o pae; mas sua mãe criou-a com muito carinho, ensinando-lhe a ser mulher de bem e da sua casa, fazendo-a principalmente fiar, tecer e coser, que era o trabalho com que a pobre mãe ganhava o pão para ambas.

Quando Rosa completou os quinze annos, sua mãe adoeceu gravemente, e, conhecendo que ia morrer, chamou a filha e disse-lhe:

— Minha filha, vou para o ceo e deixo-te só na terra. Não te ficam muitos bens, mas os que te ficam chegar-te-hão para viveres feliz se fizeres bom uso d'elles. Os bens que te deixo são: esta casinha para viveres, uma roca, uma lançadeira e umas agulhas, para que ganhes o pão como eu o ganhei, fiando, tecendo e cosendo.

Dito isto, a mãe de Rosa abençoou sua filha e voou direitinha para o ceo, que é para onde vão sempre os que tem andado direitinhos pela terra.

Rosa chorou e rezou muito por sua mãe, e poz-se a fiar, a tecer e a coser com tanto animo como se não tivesse pena alguma no coração; mas, em vez de cantar, chorava e dirigia preces ao ceo quando trabalhava.

Não a enganára sua mãe quando lhe dissera que a roca, a lançadeira e as agulhas lhe bastariam para ganhar o pão, porque as pessoas mais ricas da sua aldeia e das aldeias circumvisinhas disputavam-se o trabalho das suas mãos; e como trabalhava muito e dispendia pouco, até o dinheiro lhe sobrava para dar uns reaes a cada pobre que lhe batia á porta.

II

O rei estava já desenganado dos medicos, e por isso mandou chamar seu filho primogenito, que era um gentil mancebo, e disse-lhe:

— Vou morrer; antes, porém, quero dizer-te alguma coisa que julgo acertado. Logo que feche os olhos, tu subirás ao throno; mas não te bastará isso para seres feliz. É necessario que te cases; pois, por mais coisas que digam ahi contra o matrimonio, o matrimonio não é tão mau como dizem, e o provam sobejamente todos os dias os viuvos e viuvas que se tornam a casar. O que te aconselho, porém, é que tenhas presente o rifão que diz: «Antes que cases, olha o que fazes.» Isto, em boa linguagem, quer dizer que, antes de casar-te, deves ver se a tua mulher é ou não digna de ti.

— Que especie, pois, de mulher quer que procure? perguntou o principe a seu pae.

— A mais pobre e a mais rica.

— Ficâmos inteirados! resmungou o principe, pouco satisfeito com a resposta de seu pae.

— Não me entendeste? disse este. Pois estuda, meu filho, que já tens edade para isso.

Dois dias depois morreu o rei, e seu filho sentou-se no throno pela simples razão de «rei morto, rei posto».

O rei poz-se a pensar para ver se acertava com o conselho que seu pae lhe dera á hora da morte, isto é, que procurasse a mulher mais pobre e mais rica; porém, por mais que pensasse, não achava a explicação do que elle julgava enigmatico.

— Será, porventura, dizia, que deva procurar mulher que ao mesmo tempo seja falta de riqueza e rica de belleza? Em fim, vamos de povoação em povoação para vêr se o acaso ou o tino dos camponios dissipam as nebulosidades de que o senhor meu pae era tão apaixonado.

III

O rei andava de povoação em povoação em procura de noiva, e a todos perguntava qual era a rapariga mais pobre e mais rica do logar; mas ninguem entendia esta pergunta, porque em todas as partes se contentavam com indicar-lhe uma rapariga pobre e outra rica.

— C'os demonios! dizia o rei; sinceramente, não os entendo a vossês, nem vossês me entendem! O que se procura não é noiva rica, nem noiva pobre; é uma que seja as duas coisas ao mesmo tempo.

— Ah!... muito folgazão é vossa magestade! exclamavam os camponios arregalando os olhos e sem entenderem palavra do que lhes queriam dizer. Se estivesse, como nós, cavando na terra todo o santissimo dia, não teria vossa magestade tanta vontade de zombar.

Andando d'aqui para alli, o rei chegou á aldeia de Rosa, fez a pergunta do costume, e, como de costume, indicaram-lhe uma rapariga rica e outra pobre.

O rei determinou ver as duas, como fazia em todas as partes, e começou pela mais rica, porque não sei que demonios tem a riqueza, que sempre é preferida, assim de reis como de subditos.

A rica ficára orphã quasi ao mesmo tempo que a pobre; mas seus paes, em vez de lhe deixarem ferramentas para que trabalhasse, deixaram-lhe criados para que a servissem. Sabedora de que o rei a ia visitar, revolveu os guarda-vestidos e as joias, para que sua magestade ficasse assombrado com as suas galas. Aquillo é que eram sedas, oiro, perolas e diamantes!

— Com este continuo tresnoitar, andando de baile em baile, estou muito descórada, disse. Se eu podésse côrar diante dos homens, como succede ás pacovias, importava-me pouco esta maldita pallidez; mas como não me sóbe a côr ao rosto, é preciso lançar mão do artificio.

E, com effeito, o pó de arroz e o carmim não lhe foram infieis.

Pouco depois chegou o rei e ficou sósinho com ella, porque sua magestade gostava de ficar só com as raparigas, e, como era rei absoluto, fazia o que lhe dava a real vontade.

A rapariga, que fôra educada á franceza, apresentou a fronte ao rei para que lh'a beijasse, e o rei encheu os labios de carmim e pó de arroz, cuja composição lhe desagradou.

Por mais comprimentos e tregeitos que a ricaça fi-

zesse para encantar o rei, sua magestade morria de enfadamento; e, como ouvíra que o tabaco é bom para curar paixões, tirou uma caixa de rapé e tomou uma pitada.

Quando sua magestade soltou o primeiro espirro caiu-lhe um botão da camisa, e logo pediu á rapariga que lh'o cosesse; mas a rapariga, como não sabia coser, enterrou-lhe a agulha no peito, o que lhe fez ver as estrellas.

Com o susto e a dor teve sua magestade uma vertigem, e mandou á ricaça que lhe fizesse uma chavana de chá para ver se lhe passava; mas a rapariga, como não entendia de cozinha, lançou sal e alhos no chá, e o rei, ao tomal-o, julgou que lançava as tripas.

— Bem empregada viagem, disse o rei, não ha dúvida!

E se foi muito agastado para a casa da rapariga pobre, que vivia no extremo opposto da aldeia.

IV

Rosa estava descórada de tanto chorar por sua mãe; mas, quando viu o rei atando o cavallo á grade, veiu logo abrir-lhe a porta e córou como um cravo.

Tão enlevado ia o rei em contemplar aquellas côres ao entrar, que, tropeçando na porta, rasgou a casaca.

— Olha, disse a Rosa, dá-me quatro pontos n'este rasgão, que reis de casaca rota não parecemos bem.

Rosa poz a roca á cinta, e em um abrir de olhos fiou um fio tão fino como um cabello; e, tomando em seguida a agulha, cerziu o rasgão tão perfeitamente, que só um habil alfaiate poderia conhecel-o.

Apesar d'isso, o rei não podia esquecer o enjôo que lhe dera o carmim da rapariga educada á franceza, e metteu a mão na algibeira para procurar o lenço e limpar os labios com elle.

— Pois não perdi o lenço desde a casa d'essa malfadada mulher até aqui! exclamou sua magestade.

— Os meus, disse Rosa, são muito ordinarios para vossa magestade; mas espere vossa magestade um pouco, que vou tecer-lhe um da mais fina Bretanha.

E dá que lhe dás á lançadeira, em um instante saiu tecido um lenço para o rei.

N'estas e n'outras coisas se passava o tempo sem o sentir, e posto que tambem o rei não sentia o tempo, ia, comtudo, sentindo vontade de tomar alguma coisa.

— Olha, minha querida menina, disse a Rosa, quem assim cose e tece, deve tambem cozinhar deliciosamente. Não podias fazer-me alguma coisa de comer?

— Meu senhor, respondeu Rosa encantada da sua franqueza, não tenho em casa senão pão, agua, azeite, sal e alhos. Quer vossa magestade que lhe faça uma açorda?

— Pois sim, sim.

E em menos tempo que quebra um commerciante, Rosa fez uma açorda, que muito agradou a sua magestade.

E o rei, montando em seguida no cavallo que deixára atado á grade, afastou-se, afastou-se por aquelles campos.

E Rosa, vendo-o da janella afastar-se, afastar-se, lançou-se em chôro copioso, e perguntou a si mesma:

— Por que chorarei, meu Deus, se agora não é por minha pobre mãe?

Mas no dia seguinte o rei voltou com muitas damas e cavalleiros, e carruagens doiradas, e, tomando a Rosa do braço, se foi com ella para a egreja da aldeia, e alli se casou com Rosa; porque sua magestade encontrára n'ella a noiva pobre e rica que lhe deixára muito recommendada o senhor seu pae.

———

N'este conto, em que o auctor seguiu acaso a tradição popular, não haverá uma lição para as raparigas afrancezadas, que julgam que toda a boa educação consiste apenas em saber vestir á moda?

THOMAR

CASTELLO DOS TEMPLARIOS E CONVENTO DA ORDEM MILITAR DE CHRISTO

(Vid. pag. 367)

XV

CASAS DO CAPITULO

Entre as obras que mostram mais antiguidade no convento de Christo, ha uma casa quadrangular, com a abobada achatada, sustentada em pilares, e de tão solida construcção, que se conserva sem maior ruina, não obstante as aguas da chuva que dos terrados superiores caem sobre a sua abobada ha longos annos. Esta casa, situada ao sudoeste do primeiro claustro, de que tratámos a pag. 368, parece-nos ser a primitiva casa do capitulo.

Entre as obras mandadas fazer no convento de Christo pelo infante D. Henrique, duque de Vizeu, achâmos mencionada a casa do capitulo, junto ao claustro do Cemiterio. Não designa qual fosse essa casa o auctor antigo em que isto lemos; mas entendemos que é, sem dúvida, aquella de que fallámos tambem a pag. 368.

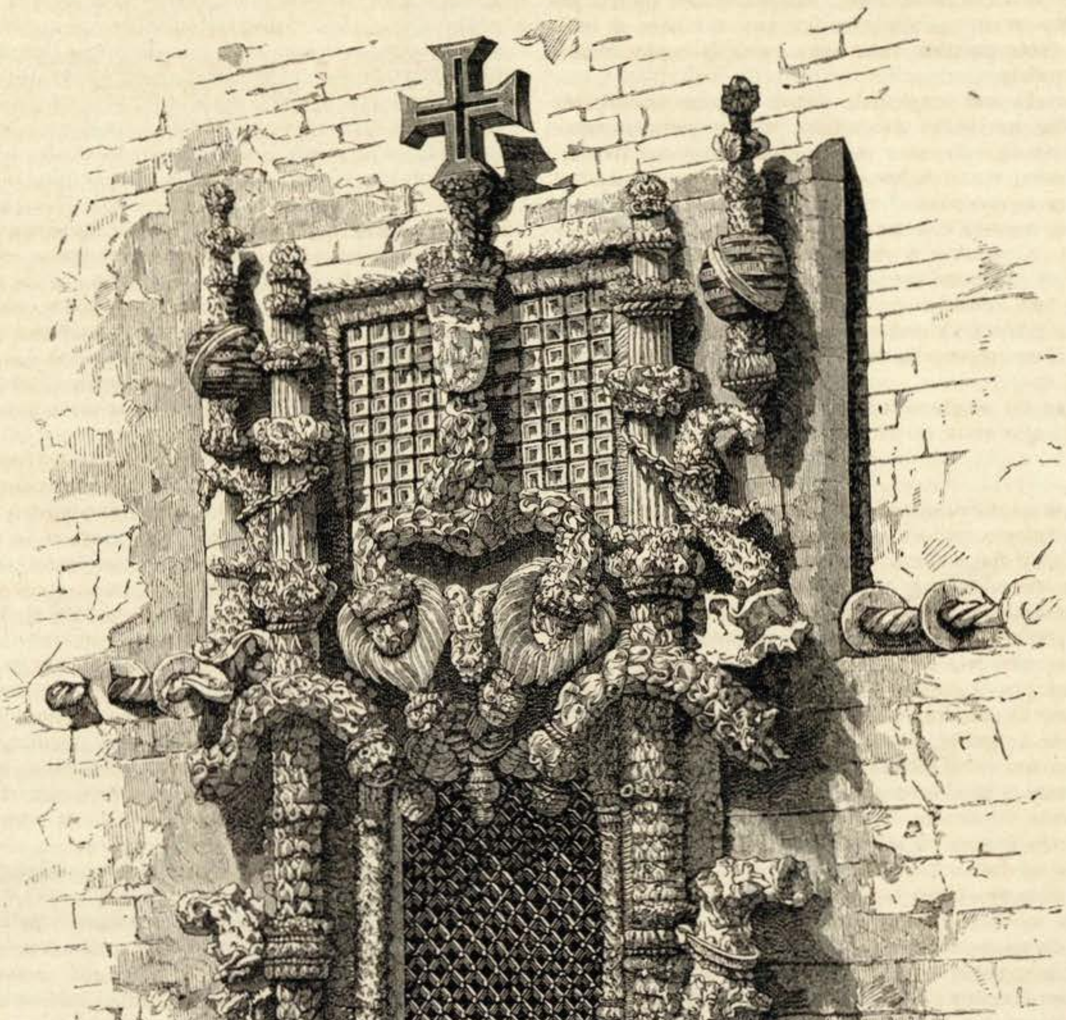
A terceira casa do capitulo é fabrica del-rei D. Manuel. Foi começada, segundo cremos, mas sem termos d'isso certeza, antes d'este monarcha subir ao throno, sendo então duque de Beja, e governador e administrador do mestrado da ordem de Christo. Todavia, o seu acabamento é posterior á acclamação d'este soberano, como o indicam as suas divisas, que avultam na janella d'aquella casa. Sobre a sua abobada fundou o referido monarcha o corpo da egreja, isto é, a parte do corpo da egreja onde era o côro, em que se admiravam as famosas cadeiras de talha relevada.

O portal que dá entrada para esta casa é de boa cantaria e de bonito effeito, pois que o decoram variados e graciosos relevos. A casa, com sua abobada de laçaria de pedra mui bem construida, tem as paredes nuas de adornos. Mas se o architecto foi avaro na sua ornamentação interior, compensou-a d'essa pobreza, prodigalisando no exterior da unica janella que lhe dá luz as galas e magnificencias d'aquella architectura meio gothica, meio arabe, que se estreou entre nós no mosteiro de Santa Maria de Belem.

A gravura que acompanha este artigo, e que é cópia, reduzida, de uma grande e bella photographia, dispensa-nos de descrevermos aquella formosa janella, não só pela perfeição do desenho e da gravura, mas tambem, e principalmente, em attenção á necessidade que temos, por conveniencias do jornal, de abbreviarmos este nosso trabalho, que já vae demasiadamente longo. As columnas, disfarçadas em troncos cobertos de folhagem; os pedaços de troncos recurvados, com os mesmos lavores das columnas, e pendendo d'estas presos a grossas cadeias; os cordões, ora caindo torcidos ou formando laçadas, ora correndo em cercaduras, já singelas, já passando através de argolas; a grade de pedra que fecha a janella; o escudo das armas reaes, e as espheras armillares e a cruz da ordem de Christo, que lhe servem de remate, sabidas divisas do monarcha *afortunado;* todas estas esculpturas estão feitas com graça e delicadeza. Felizmente, acham-se em bom estado de conservação.

A fachada da egreja em que se abre esta rica e linda janella, vista do terrado superior do claustro dos Filippes, offerece uma perspectiva formosa e de bastante magnificencia.

Para outro serviço, que não fôra aquelle para que foi edificada, poderia chamar-se a esta casa uma sala espaçosa; mas para casa do capitulo de uma ordem tal como a de Christo é, sem dúvida, acanhada. E assim o reconheceu o proprio fundador, pois que ainda



Janella da casa do capitulo, no convento de Christo, em Thomar

chegou a dar principio a outra, incomparavelmente maior e mais sumptuosa, como abaixo diremos.

Conforme a tradição, foi na casa do capitulo que se reuniram as cortes que reconheceram a Filippe II de Castella como rei de Portugal. Seguem esta opinião varios auctores, mas certamente sem nenhum outro fundamento além da tradição. Porém, para se reconhecer que esta é errada, basta, por um lado, ver a pequenez da casa, e por outro lado, attender ao avultado numero de pessoas que compunham os tres estados do reino, chamados *cortes*, e o modo por que n'ellas tomavam logar.

Todo o pavimento d'aquella casa mal teria capacidade para accommodar apenas o grande estrado, so-

bre o qual se punha outro mais pequeno, em que era de uso erguer-se o throno real, collocar-se a mesa onde se depositavam os séllos reaes, ficando n'elle o espaço necessario para o camareiro-mór, para o condestavel, para o alferes-mór e para o escrivão da puridade, que se sentava no degrau. E o estrado grande tinha taes dimensões, que n'elle e nos seus tres degraus tomavam logar os outros officiaes-móres da casa real, os védores da fazenda, os duques, o regedor da justiça, o chanceller-mór, os desembargadores do paço, os desembargadores da casa da supplicação, os corregedores da côrte, e a pessoa encarregada de recitar o discurso da abertura das côrtes.

Nas reuniões d'estas assembléas tinham logar fóra dos estrados, em volta da sala, os marquezes, os condes, os arcebispos, bispos, e os prelados das ordens religiosas, os conselheiros, os senhores de terras com jurisdicção e os alcaides-móres dos castellos do reino; no centro da sala os procuradores das cidades e villas que tinham voto em côrtes, e que eram ao todo noventa e duas povoações. E finalmente, entre o primeiro degrau do estrado grande e os primeiros bancos dos procuradores das cidades e villas, ficavam de pé os porteiros da maça e os reis d'armas.

Por conseguinte, sendo os tres estados do reino compostos de alguns centos de pessoas, parece incrivel como tenha havido escriptores que affirmem que uma tal assembléa se juntou na casa do capitulo, que tão acanhada era para as proprias reuniões do capitulo da ordem de Christo, que o que foi convocado e presidido por D. Filippe III de Castella, e II dos que intrusamente governaram em Portugal, aos 16 de outubro de 1619, se reuniu no refeitorio do mesmo convento, e ahi funccionou durante as tres sessões que teve. Isto se acha referido por testimunha ocular, o chronista-mór João Baptista Lavanha, na sua obra intitulada—*Viagem da Catholica Real Magestade Del-Rey D. Filippe 2.º, Nosso Senhôr, ao Reyno de Portugal, e relação do solene recebimento que se lhe fez:* impressa em Madrid no anno de 1622.

É certo que ha na cidade de Thomar a tradição de que fóra na casa do capitulo que se reuniram aquellas côrtes. Temos muito respeito pelas tradições, quando não militam contra ellas documentos incontestaveis, ou razões muito fundamentadas, ou inverosimilhanças absolutas. E tanto é assim, que n'essas resumidas noticias, que temos publicado n'este jornal, ácerca da *origem e progressos da marinha portugueza*, entendemos que não deviamos lançar duvidas, indo apressados em materia que não profundavamos, sobre a existencia de um personagem que uma tradição antiquissima tem feito figurar na historia do nosso paiz. Referimo-nos a D. Fuas Roupinho, cuja existencia é duvidosa, mas que, se não está auctorisada com documento algum incontestavel, tem comtudo em seu favor, não só uma lenda religiosa, em que a piedade dos fieis podesse ser illudida, mas tambem uma tradição popular, despida de interesses que não sejam historicos, e tão despida, que, se acclama D. Fuas Roupinho como o primeiro almirante que conquistou loiros para a marinha portugueza, tambem attribue á sua má estrella o primeiro desastre que ella padeceu.

Portanto, no caso de que tratámos, dá-se a razão de inverosimilhança ou impossibilidade pelos motivos que acima expendemos.

O proprio rei D. Manuel, reconhecendo quão pequena ficára a casa do capitulo por elle fundada, resolveu edificar outra digna da magnificencia do fundador e da opulencia e grandeza da ordem de Christo. Não sabemos em que anno lhe deu principio, mas cremos que foi em um dos ultimos do seu reinado, pois que, fallecendo em novembro de 1521, deixou a obra apenas começada. Continuou com os trabalhos el-rei D. João III, e ainda estes progrediram sob o governo del-rei D. Sebastião. Porém as desgraças que a perda d'este soberano acarretou sobre o reino foram causa de que se levantasse mão da obra, ficando o edificio não só incompleto, mas ainda muito distante da sua conclusão.

Á vista da gravura a pag. 249, e pelo que dissemos a pag. 345, terão conhecimento os nossos leitores da situação d'esta quarta casa do capitulo. Constitue um edificio independente do convento, e apenas unido ao claustro dos Filippes. É uma fabrica grandiosa, tanto pelas suas proporções, solidez e excellente cantaria de que é construida, como tambem pela belleza da architectura e riqueza da ornamentação, onde em similhantes obras a pratica a admittia. A sala do capitulo, se fôra acabada, seria uma das maiores dos conventos do reino. Devia ser edificada sobre uma abobada de laçaria de pedra, e do mesmo modo coberta. Dizemos *devia ser edificada*, porque d'essa abobada sómente se construiram os pontos extremos, faltando-lhe a parte central. A data de 1540 e tantos, que se vê n'ella gravada, mostra pertencer ás obras feitas no tempo del-rei D. João III. As paredes da sala acham-se elevadas em parte até quasi onde havia de começar a abobada superior.

Quem observar interiormente este edificio, collocando-se no fundo da sala, para o lado do norte, julgará estar vendo um templo por acabar, pois que a dois terços da casa, pouco mais ou menos, ergue-se um como arco cruzeiro, muito elevado, esbelto e todo lavrado com diversidade de esculpturas de gracioso desenho; e a este formosissimo arco segue-se uma como capella-mór ou tabernaculo com suas janellas gothicas, grandes e ornamentadas, e cujo pavimento ficaria superior ao do restante da sala. Era esse o logar destinado para a cadeira do grão-mestre, quer dizer, para o throno real, porque, como já referimos, desde o tempo del-rei D. João III, os nossos soberanos assumiram o grão-mestrado das ordens de cavallaria.

Não obstante pesarem sobre as obras incompletas d'esta casa do capitulo mais de tres seculos, tal é a solidez da sua construcção, que tem resistido, sem ruina, á acção do tempo.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

SCIENCIA POPULAR

OS LEPIDOPTEROS DIURNOS

(Vid. pag. 364)

VII

As nymphales constituem um grupo particular na immensa familia das nymphalidas, em que fórmas e côr variam infinitamente. Tem estes lepidopteros diurnos corpo robusto e forte, azas posteriores com o rebordo interno excavado em goteira, aonde assenta o abdomen.

Poucos são os insectos europeus que representam este genero. Na Africa, America austral e nas Indias encontram-se em grande abundancia.

Na America do sul encontram-se alguns insectos delicados, lindissimos, em cujas azas vermelhas estão gravados nitidamente os numeros 80 e 88, como signaes cabalisticos que denotam os mil e um caprichos da natureza.

Os sylvanos são umas borboletas que voejam na orla dos bosques, e nas clareiras e alamedas das florestas.

Muitas são as familias que constituem o grande genero dos sylvanos. Entre elles nota-se: o pequeno-sylvano, cuja lagarta, ponteada de verde carregado, vive nas madresilvas; o sylvano azulado, que ama as gran-

des florestas; e por fim o grande sylvano, que vive nas copas elevadas dos chopos, faias e salgueiros, nas margens das ribeiras. O vôo d'estes ultimos é alto e arrebatado; e se o insecto não gostasse tanto de sugar a parte liquida do excreto dos cavallos, difficilmente seria apanhado.

No grande grupo das nymphalidas ha dois sub-grupos, cujos individuos attingem dimensões superiores e merecem especial menção.

O primeiro sub-grupo é composto dos charaxes, cujos caracteres geraes e côrte das azas são analogos aos das especies do genero papilio, de que fallâmos acima.

O jasius é uma especie importante dos charaxes que vive na Africa septentrional e America meridional. Borboleta magnifica e esplendente, tem as azas grandes e pardas, inferiormente bordadas de orla fulva, e superiormente arraiadas de mil côres brilhantes. A lagarta d'este insecto tem um porte reginal: cabeça larga e elevada com tegumentos duros, parece trazer um diadema.

Ao outro sub-grupo pertence o genero morphus, que só se encontra nos paizes quentes e humidos da America. Os morphus espantam e fascinam o viajante que, nas solidões do novo mundo, sob a copa frondente das florestas virgens, nas margens dos grandes rios, acerta de os encontrar alçando o vôo rapido e elevado.

É o morpho a maior borboleta diurna. Corpo delicado e fragil, as azas tem uma amplitude espantosa e desmesurada.

O morpho-menelau é um dos typos mais formosos d'esta familia, e que se encontra no Brasil e Guyana. O intenso brilho que as azas do morpho ostentam aos olhos do viajante é devido a um magico effeito luminoso, que a sciencia ainda mal sabe explicar.

O sr. Blanchard, notavel naturalista francez, observou minuciosamente as azas d'estes singularissimos insectos. Viu que as escamas não eram sobrepostas. Entre dois renques proximos ha um filete. Sotopostas ás escamas azuladas ha outras mais pequenas, transparentes, onduladas na superficie, e que polarisam a luz. Estas ultimas enchem os filetes ou intervallos, e representam o papel principal no effeito luminoso.

De todos os morphos, o mais brilhante e admiravel é de certo o morpho cypus, que vive na Nova Granada, junto aos depositos de esmeraldas, cujo brilho e esplendor excedem.

As azas são de um azul fascinador, atravessadas por um listão amarellado de reflexos metallicos. O azul, o verde e o roxo pallido combinam-se harmonicamente e produzem effeitos incomparaveis de luz e sombra.

Do maximo esplendor á mais infima pobreza é facil a transição. Os extremos tocam-se, é axioma que a boa logica apregoa ha muito. Assim o demonstra a natureza, e é por isso que do brilhante e incomparavel morpho passâmos ao luctuoso e humilde satyro, que Linneo, esse grande e immortal poeta, esse sublime scismador, que nos sempiternos nevoeiros da Scandinavia entrevira novos mundos de luz, denominou *plebeus*.

Os satyros são uns insectos cosmopolitas. É-lhes patria o mundo, e toda a terra é pouca para a incançavel actividade d'estes humildes insectos. Campinas verdejantes, paues lodosos, serros alpestres, grimpas arrebatadas, plainos aridos e resequidos, devezas, sarças, quadrivios, veigas e hortas, florestas e pomares, povoados e desertos, não ha sitio ermo, solitario, triste, quer nas gargantas apertadas e angustiosas das serras, quer nos pincaros cobertos de neve, aonde este insecto não assente o lar e vôe desassombrado de cuidados, alegre, feio, quasi funebre, maltrapilho e pobretão, mas sempre contente e desafiando com a sua bonissima philosophia todos os vaevens da sorte. Elle, só elle no mundo, casou em intimo laço a felicidade e a independencia. Livre, immune, folgazão, volita descuidoso desde o principio da primavera até aos fins do outono. Qualquer herva, por dura, sêcca e coriacea, lhe serve de alimento. Uma graminea enfezada e rasteira é manjar que não engeita.

As larvas não ha vêl-as senão depois de minucioso exame. De dia escondem-se, agacham-se e confundem-se com a planta; de noite deitam-se a viajar e vão roendo as folhas.

Borboletas de dia, lagartas de noite. De dia folgança, á noite mantença. Que admiravel bom senso! E os inimigos enganados, e o proprio entomologista ás tontas, sem saberem como apanhar o esperto e ladino insecto!

O grande genero satyro de ha quarenta annos está hoje subdividido em muitos, como são os arges, erebias, chionobas e os satyros propriamente ditos, e uma alluvião de outros.

Os arges conhecem-se facilmente pelas antennas delgadas, bombeadas nas extremidades, e sobre tudo pelas azas brancas tauxeadas de negro. Uma só especie d'este typo está espalhada nas partes centraes e septentrionaes da Europa. É o lucto-alliviado (arge galathéa), muito commum no meiado do verão nas sebes e orlas dos bosques. Ha ainda outras especies que habitam a Europa meridional, mas o arge galathea póde ser tomado como typo.

Os erebios, ou satyros negros, habitam as montanhas, e abundam nos Alpes, Pyrenéos, Caucaso, Himalaya, montes penhascosos da America, encontrando-se até na Laponia.

Na Islandia, Cabo Norte, Syberia, Kamtchatka, vivem os satyros hyperboricos.

Os satyros propriamente ditos foram baptisados por Linneo com denominações pittorescas.

O sileno *(satyrus cine)*; o sylvandro *(satyrus hermione)*, que vive nos rochedos; o negro dos bosques *(satyrus phædra)*; o fauno e o agreste *(satyrus faune et semele)*, que escolhem os sitios aridos e pedregosos.

O ariane e megera são satyros muito communs que revoam pelos caminhos e ao longo dos muros. O tircis e a bacchante habitam os bosques e escondem-se nos matagaes. O mirtil *(satyrus janire)* gosta das clareiras e busca as flores dos bosques.

Ha alguns satyros na America do sul cujas azas são afestoadas (*hætera* do Brasil e Guyana) e em parte transparentes. As escamas, muito disseminadas e tenues, transformam-se ás vezes em ligeira pennugem. A membrana alar é iriada. D'aqui nascem lindissimos effeitos luminosos, furta-côres admiraveis, verdadeiros encantamentos, em que a luz polarisada se combina de diversos modos, que o homem póde admirar, mas não imitar.

(Continúa) A. Osorio de Vasconcellos.

ILHA DO PRINCIPE

(Vid. pag. 357)

«Allega-se tambem que os krumanos custam muitas despezas, que o seu trabalho é muito caro, que os pequenos proprietarios podem ter libertos, e não ser servidos por krumanos. Pois bem, comparemos.

Um liberto é um escravo, comprado em Angola, e custa em S. Thomé vinte libras, quando menos.

Um krumano custa, termo médio, o ordenado mensal de dez francos (2 pesos francezes), ou 1$710 réis; contrata-se nunca por menos de dois annos, nem por mais de cinco; a importancia total das duas passagens, vinda e regresso, é de quatro libras, ou 18$000

réis. Na vinda dá-se mais de duas libras, mas é porque se dá um mez adiantado.

Portanto, custam 10 libertos em 10 annos:

	Réis fortes
Compra	900$000
Equivalente ao que se perde por aquelles que fogem ou morrem durante os dez annos (?)	250$000
Juro correspondente ao capital de 900$000	54$000
Vestuario a todos durante os dez annos	600$000
	1:804$000

Isto é, custa aproximadamente o serviço de um liberto em um anno 18$040 réis.

Custam 10 krumanos em 3 annos, termo médio do engajamento:

	Réis fortes
Passagens de ida e regresso	180$000
1$910 réis de ordenado a 10 homens em 36 mezes	615$600
Perdas e fugas	-$-
Vestuario (é á custa d'elles)	-$-
	795$600

Isto é, custa o trabalho de um krumano em um anno 26$520 réis.

O primeiro custa 50 réis por dia; o segundo 73 réis.

É verdade, o trabalho do krumano é mais caro; mas pela differença de 23 réis por dia ha de haver quem prefira ser servido por quem trabalhe voluntariamente; e ao pequeno proprietario que quizer começar uma plantação, para ter dez krumanos bastalhe ter a importancia de dez passagens (90$000 réis), e para ter dez libertos carece de 900$000 réis. Isto não vale nada?

Negar estes factos e improvisar obstaculos em coisa tão simples, é querer que fique perpetuamente á sombra das leis uma instituição contraria a todos os principios de moral e de humanidade.

Em conclusão, direi que os krumanos trabalham mais e melhor que os escravos na ilha do Principe. Em S. Thomé, não sei. Que o seu serviço, em regra, seja melhor ou peior que o dos libertos, não se póde absolutamente affirmar. Negar que os krumanos trabalham, sería obstinação apaixonada. Affirmar que sería inconveniente a sua introducção em qualquer d'estas ilhas, é absurdo.

E para corroborar esta minha opinião transcreverei os seguintes periodos da *Narrative of the Niger Exploration*, escripta em 1855 pelo cavalheiro Hutchinson, consul de S. M. B. em Fernando Pó:

«Havendo mandado para a Europa os nossos marinheiros brancos, e tendo-os substituido por pretos, seguimos para a costa de Krumana, com o fim de angariar alguns krumanos, sem auxilio dos quaes é difficil aos navios de guerra e mercantes que andam pelos rios africanos realisarem os seus negocios em terra. Entre Serra Leôa e o logar da nossa estação está a republica preta da Liberia, estabelecida em 1816 pela sociedade americana de colonisação, com o intuito de dar saída aos escravos libertados. A capital é Monrovia, e o rio que a atravessa chama-se Mesurado.

«Infelizmente, este rio é tão baixo, que um navio de pequena tonelagem mal póde franquear-lhe a barra; por isso não me parece bem escolhido logar para o giro de commercio que pretenderam estabelecer os yankees. A sr.ª Stowe fez d'esse logar o Eden, em que um dos seus heroes, na *Cabana do tio Thomaz*, se retirou para viver o resto dos dias, e isto deu-lhe certa poesia aos olhos da America. Mas é uma republica em que tenho muito pouca fé, por motivos que um dia expenderei.

«Os principaes estabelecimentos dos krumanos são Cabo de Palmas e Grand-Sestros, aos quaes são subordinados os de King-William-Town, Garraway, Fishtown, Caballie, etc. D'estes tres ultimos logares assoldadámos quarenta e nove krumanos, dos quaes levámos dezeseis para o serviço de um cavalheiro de Clarence, e o resto veiu comnosco para o Niger. Se fossem escolhidos para os misteres que se lhes incumbiu, não procederiam melhor, nem trabalhariam com mais actividade do que fizeram durante a nossa viagem; e sendo gente de Cabo de Palmas, fallo n'isto para attestar o seu bom comportamento.

«Logo que n'esta parte da costa se avista um navio demandando a terra, vem um grande numero de krumanos nas suas pequenas canoas, que ao principio, em distancia, parecem malhas negras na agua; mas á proporção que se aproximam do navio começa-se a distinguir tres ou quatro pretos em cada canoa, sentados nos calcanhares, com as pernas dobradas debaixo de si, e remando á porfia, com o fim de serem os primeiros a chegar e a contratar-se.

«Cada individuo traz comsigo uma informação ou a seu respeito ou dos seus aprendizes; chamam elles a esse papel o *livro* (termo generico applicado pelos africanos a qualquer escripto), e accrescentam-lhe os louvores proprios e os elogios que podem.

«Tratando das suas qualidades physicas, direi que elles são os ossos e os musculos da raça preta da Africa occidental; são os unicos membros da familia ethiopica que supportam aturadamente o trabalho mais duro sem se queixarem.

«Pelo seu systema de aprendizagem, aggrega-se uma porção de rapazes, por um certo periodo de tempo, a um chefe; estes chefes fazem primeiro algumas viagens para sotavento, aos rios onde se commercia com o azeite de palma, isto antes de terem nome e de poderem negociar e fazer uma casa; e o seu dever, como *chefes*, é embarcar os rapazes para fóra, o que lhes é facil pelos conhecimentos que tem com os capitães de navios, e pela faculdade de fallarem uma geringonça extraordinaria de anglo-africano, que empregam na conversação.

«Por este serviço o chefe adquire o direito ao adiantamento de um mez de soldadas, pagas pelo sobrecarga do navio na occasião do engajamento, e recebem mais uma parte das soldadas dos mesmos rapazes engajados, quando estes regressam.

«Quando o rapaz tem feito duas ou tres viagens e falla o inglez com a fluencia de qualquer outro chefe, torna-se tambem chefe e compra mulheres das nações visinhas, obrigando-as a trabalhar para sustental-o na declinação da vida; e um krumano considera-se um senhor muito independente quando não precisa mais alugar-se para sair da sua terra, e quando tem vinte ou trinta mulheres sob as suas ordens.

«Uma feição caracteristica do povo krumano é «não se escravisarem uns aos outros.» Tem elles os mesmos loucos prejuizos, a mesma crença em bruxarias e feitiços, assim como todas as raças negras incivilisadas e irreligiosas, mas não seguem uma só das praticas sangrentas arraigadas na idolatria dos povos do golpho de Biafara.

«A linguagem é, principalmente, uma combinação de vogaes, e é difficil para um inglez por causa da particular pronuncia nasal. Varias tribus dos krumanos fallam dialectos diversos; e o capitão Adams notou, com justa razão, que a torre de Babel devia ter sido edificada nas praias occidentaes de Africa, porque a doze milhas de distancia fallam-se linguas diversas, mas geralmente os indigenas ao longo da costa todos se entendem uns aos outros.»

(Continúa) F. de Lencastre.